

# Meio século de vida brasileira

Marcelo Neri

Chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e da EPGE/FGV  
mcneri@fgv.br

Se um marciano chegasse à Terra para analisar as últimas sucessões presidenciais americana e brasileira, chegaria a conclusões curiosas. Os EUA estariam num regime de baixa mobilidade ocupacional, onde a presidência é passada de pai para filho no decurso de alguns anos, uma quase monarquia diria o alienígena. Ao passo que a trajetória de Lula seria considerada o milagre da ascensão social no país que ocupa o pódio mundial da desigualdade há pelo menos quatro décadas. Para entendermos o salto dado pelo filho de analfabetos que sai da pobre Garanhuns para atingir o ápice profissional brasileiro, é preciso captar o contexto do país e a história da geração de Lula, um *baby-boomer* de primeira-hora, nascido em 1945.

Este artigo responde a um desafio colocado por João Paulo dos Reis Velloso de estudar as mudanças da sociedade brasileira ocorridas nos últimos 50 anos. Desconfio que se fizéssemos uma enquete com economistas de diferentes linhas, fossem eles marxianos, keynesianos ou liberais, seriam eleitas como principais as seguintes transformações: urbanização, industrialização e escolarização. Fazemos aqui a leitura das trajetórias desses processos ao longo da vida das pessoas.

**Urbanização** — Apresentamos no gráfico 1 uma visão da distribuição etária da população em áreas urbanas entre 1950 e 2000. As linhas horizontais desse gráfico nos permitem avaliar o grau de urbanização entre diferentes gerações em cada ano extremo. Observamos que a taxa de urbanização que em 1950 variava entre 29% para os grupos mais jovens e 42% para os cinquentões de 1950, cresce e se torna mais homogênea, variando entre 79% e 82% em 2000. Ou seja, a taxa de urbanização cresce 50 pontos de percentagem para os mais jovens e 40 pontos de percentagem entre os cinquentões. A taxa média da sociedade brasileira sobe 53 pontos de percentagem no período, influenciada não só pelo crescimento nos diversos grupos etários, como pelo crescimento da participação dos grupos mais velhos na população.

A análise temporal de uma dada variável pode ser feita de várias formas, comparando aqueles com 50 a 59 anos em 2000 e em 1950. A comparação pode ser feita até mesmo a partir de um único corte transversal de dados, como ao compararmos diferentes faixas etárias num mesmo ano. Tipicamente, simulamos estaticamente a trajetória de uma dada variável ao longo do ciclo da vida. Exploramos uma visão alternativa, que é a de refazer a trajetória de uma mes-

ma geração ao longo dos diferentes anos. Os dados de corte são substitutos de dados longitudinais, que acompanham os mesmos indivíduos ao longo do tempo. Na verdade, as coortes se referem à média de um conjunto de indivíduos com conjunto idêntico de características. Isto é, explicitamos a trajetória da vida de um dado grupo conectando os dados de um grupo com a mesma década de nascimento, buscando ao longo dos anos a sua respectiva faixa etária. No caso da geração de Lula, que nasceu nos anos 40, em 1970 tinha 20 a 29 anos de idade e que, portanto, chegou em 2000 como cinquentão. Conforme o gráfico 1 ilustra, a trajetória dessa geração, representada pela diagonal vermelha, corresponde bem àquela da taxa de urbanização brasileira de 29% em 1950 para 82% em 2000.

**Alfabetização** — Se desejarmos captar a evolução da pobreza como insuficiência de um mínimo de cidadania, a variável disponível nos censos antigos mais relevante é a taxa de alfabetização. O próprio direito de voto e acesso ao mercado eleitoral esteve condicionado à alfabetização durante um bom tempo. A alfabetização representa o primeiro passo da jornada de acúmulo de escolaridade, o que os estudiosos de crescimento, hoje, reputam como a principal determinante do crescimento da economia. A taxa de alfabetização de quem tinha entre 50 e 59 anos em 2000 era de 78,32% contra 72,58% observado para a mesma geração em 1970. A operação de iniciativas como o Mobral pode ter contribuído para o aumento da taxa de alfabetização entre adultos no período. Este ponto é importante dado o novo movimento de alfabetização de adultos lançado pelo governo brasileiro.

Em 1950, apenas 13,02% desta geração eram alfabetizados, com até nove anos de idade. Obviamente, essa taxa é influenciada pelo fato de esta geração não ter na época passado da fase de alfabetização. Mas mesmo para aqueles no limiar etário dessa geração, isto é com nove anos de idade, apenas 31% eram alfabetizados em 1950.

A taxa de alfabetização da área rural em 2000 (60,3%) é ainda inferior àquela observada nas áreas urbanas em 1950 (67,9%). Comparando indivíduos entre 50 e 59 anos nos dois momentos esses percentuais atingem 54,4% e 63,4%, respectivamente, aumentando o hiato observado. Já nas faixas etárias mais novas as taxas de alfabetização rurais em 2000 são maiores do que as urbanas em 1950, o que permite um maior otimismo quanto aos diferenciais de analfabetismo suscitados pelos dados agregados para cada tipo de região.

A taxa de alfabetização rural de 2000 (87,1%) foi cerca de 9 pontos de percentagem maior do que as urbanas de 1950 e 9 pontos de percentagem inferior às taxas urbanas de 2000.

A análise da escolarização por gênero é testemunha viva da maior igualdade dos sexos conquistada nos últimos 50 anos. A taxa de alfabetização masculina de 2000 é de 75,4% contra 76,9% da feminina, invertendo a desigualdade de gênero antes observada. Em 1950: taxa de alfabetização de 38,5% dos homens contra 33,1% das mulheres. Cabe ressaltar que a geração com 50 a 59 anos de 2000 guarda reminiscências dos tempos em que a alfabetização dos homens (80,1%) era maior do que a das mulheres (76,7%).

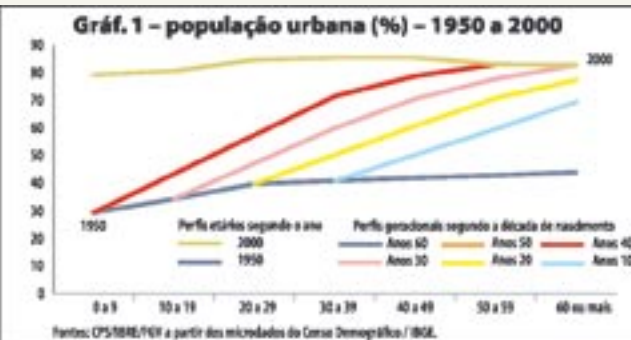
A média dos anos de estudo só pode ser calculada a partir de 1970 quando dispomos de acesso aos microdados censitários. Nesse período, a média de anos de estudo da população cresce quase um ano por década. Voltando neste quesito, a geração que tinha 50 a 59 anos em 2000 apresentava 4,86 anos completos de estudo contra 3,5 anos de estudo completos em 1970 quando a mesma tinha 20 a 29 anos. No caso das gerações mais velhas, as trajetórias são quase horizontais e indicam que é possível estudar o funcionamento do sistema escolar de períodos passados, olhando para dados recentes das gerações mais velhas. Cabe lembrar que desigualdade educacional explica, por sua vez, entre 35% e 45% da nossa desigualdade de renda, segundo a extensa literatura brasileira que nasce a partir do trabalho seminal de Carlos Langoni.

**Automóvel** — A industrialização seria a principal força motriz do processo de migração para as cidades e, ao mesmo tempo, o principal destino do capital humano acumulado. O advento da indústria automobilística é emblemático não só do aumento de produtividade obtido a partir da industrialização, como da entrada em vigor de um novo estilo de consumo e de trabalho no começo do século XX, tal como celebrizado em Tempos Modernos, de Charles Chaplin. No Brasil, a indústria automobilística chegou com meio século de atraso durante o mandato do presidente Juscelino Kubitschek que prometia recuperar o atraso: 50 anos em 5. Num certo sentido, Lula, que comandou a grande greve dos metalúrgicos no final dos anos 70, é filho desta mudança. Apresentamos a seguir o acesso das diversas gerações ao automóvel. Na geração que tinha entre 50 e 59 anos em 2000, 38,8% tinham automóvel contra 8,8% da mesma geração que tinha 20 e 29 anos em 1970. Esse crescimento é mais forte nas gerações dos jovens dos anos 70 do que das gerações mais velhas, como a menor inclinação das curvas posteriores indicam.

Mal comparando, na análise do perfil etário tiramos retratos de diferentes gerações em anos diferentes, na análise de coorte combinamos estes mesmos retratos de forma a traçar o filme da vida de cada geração. Nas cenas tiradas da geração de Lula vimos uma crescente migração para as cidades e o

## Evolução das gerações brasileiras por faixa etária

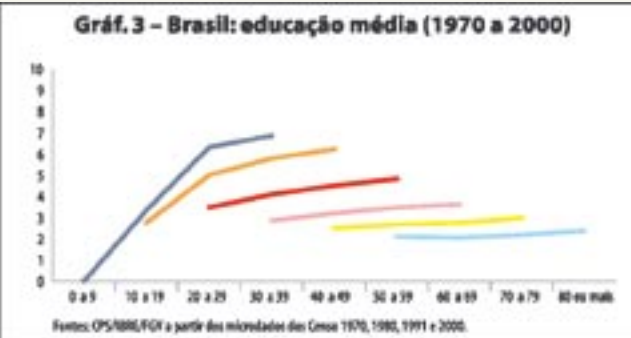
Gráf. 1 – população urbana (%) – 1950 a 2000



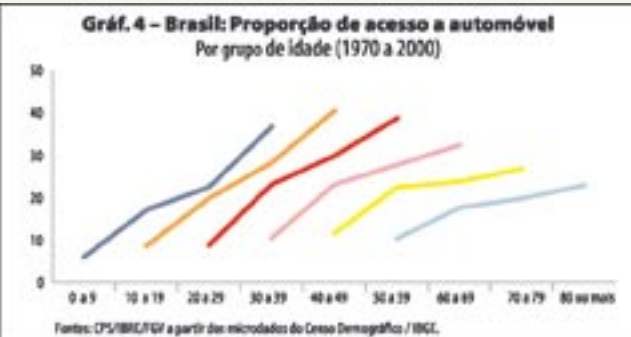
Gráf. 2 – Evolução da educação no Brasil (1950 a 2000)



Gráf. 3 – Brasil: educação média (1970 a 2000)



Gráf. 4 – Brasil: Proporção de acesso a automóvel  
Por grupo de idade (1970 a 2000)



engajamento no consumo (e produção) de bens industriais, já o progresso educacional se deu entre gerações. ▀

Agradeço a eficiente assistência de Samanta Reis, Luisa Carvalhais e Alessandra Pieroni. Este artigo é uma síntese de artigo feito para o Mini-Forum Nacional do INAE de 2004: Cinco Décadas de Questão Social no Brasil: 1950/2000, a ser publicado em livro organizado por João Paulo dos Reis Velloso e Roberto Cavalcanti de Albuquerque.